

# O MUNDO NO ARAME

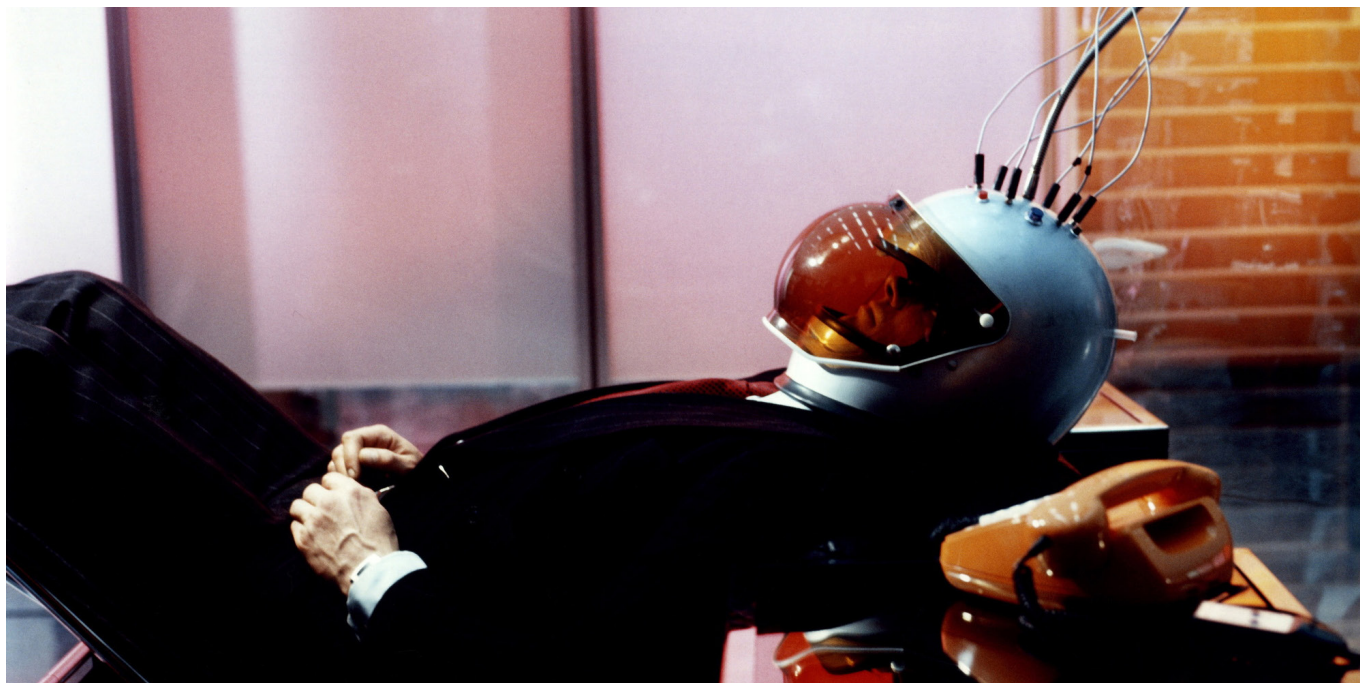
um filme de Rainer Werner Fassbinder

com Klaus Löwitsch, Barbara Valentin, Mascha Rabben, Karl Heinz Vosgerau, Wolfgang Schenck, Günter Lamprecht, Ulli Lommel

Alemanha | 1972 | 205min | M/12

Festival de Berlim 2010 – Secção Berlinale Special – Estreia da Cópia Digital Restaurada

LEFFEST 2011 – Sessão Especial: Preservação do Património Cinematográfico – Estreia da Cópia Digital Restaurada



Num mundo artificial, num tempo indefinido, *O Mundo no Arame* centra-se na personagem do Dr. Fred Stiller, um engenheiro informático que desvenda uma conspiração global, pondo em causa a realidade que tinha como certa e envolvendo-se numa trama labiríntica e surreal. O exaustivo e elaborado restauro de *O Mundo no Arame* possibilitou um regresso glorioso a esta obra marcante da filmografia de Rainer Werner Fassbinder.

## Uma visão ousada, que continua à frente do seu tempo

É talvez inevitável que estejamos ainda agora a alcançar Rainer Werner Fassbinder, que praticamente trabalhava à velocidade do pensamento e que morreu de overdose em 1982, com 37 anos, tendo completado mais de 40 filmes. *O Mundo no Arame*, um filme televisivo sombrio de 1973, dividido em duas partes, é o exemplo perfeito de um filme à frente do seu tempo. Cinema que mexe com a mente e mergulha no tema da realidade virtual, trata-se de um *Avatar* da era analógica, um filme que antecipa *Blade Runner* na sua meditação sobre inteligência artificial e humana e *Matrix* na sua concepção da realidade enquanto ilusão produzida por um computador.

Desde a sua transmissão na televisão alemã, em Outubro de 1973, *O Mundo no Arame* tem passado despercebido. Digitalmente restaurado pela Fundação Fassbinder, sob a supervisão do director de fotografia, Michael Ballhaus, a versão restaurada do filme de três horas e meia estreou em Fevereiro no Festival de Berlim. [...] Adaptado de *Simulacron-3*, um romance publicado em 1964 por Daniel F. Galouye, *O Mundo no Arame* centra-se numa empresa de cibernética que criou um mundo em miniatura, povoado por “unidades

de identidade”, inconscientes do facto de serem controladas por terceiros. Alternando entre dimensões, um investigador (Klaus Lowitsch) descobre que o que sempre conheceu como realidade pode muito bem tratar-se de uma simulação. Este é o género de terror existencial que Philip K. Dick aperfeiçoou (principalmente em *Time Out of Joint*) mas que só no final dos anos 90 começou a surgir no cinema, num sub-género que o autor Joshua Clover intitulou de “edge of the construct”, na sua obra *The Matrix*. (Outros exemplos desta temática encontram-se em *The Truman Show – A Vida em Directo* e *The Thirteenth Floor*, outra adaptação de *Simulacron-3*, da qual Michael Ballhaus foi produtor executivo).

“Não sabíamos quase nada sobre computadores”, afirma Fritz Muller-Scherz, que escreveu *O Mundo no Arame* com Fassbinder. “Mas o Rainer e eu estávamos fascinados com esta questão: se existem outros mundos artificiais, como pode um mundo real existir?”

A ideia de Fassbinder a trabalhar em ficção científica pode parecer estranha tendo em conta o quanto a sua obra está ligada a realidades sociais e históricas. Mais do que qualquer outra figura no Novo Cinema Alemão, ele insistiu em mostrar o que os seus compatriotas não viram ou recusaram lembrar, quer num melodrama de amores proibidos como *O Medo Come a Alma* (1974) ou nos seus filmes protagonizados por mulheres no período do milagre económico do pós-guerra na Alemanha, como *O Casamento de Maria Braun* (1979). Mas desde o início, Fassbinder também se interessou pelo potencial subversivo do cinema de género. *O Amor é Mais Frio do Que a Morte* (1969) e *O Soldado Americano* (1970) são ambos filmes de gangsters. *Whity* (1971), filme sobre um escravo negro situado na América do século XIX, é claramente um *western* revisionista.

A ficção científica é uma caixa de areia pré-fabricada para um realizador que nunca parou de questionar o que significa ser humano. “Os seus temas centrais estavam todos presentes: poder, dependência, exploração, manipulação”, afirma Muller-Scherz. A diferença n’*O Mundo no Arame* está no facto de os jogos mentais se desenvolverem não num contexto interpessoal mas a uma escala cósmica.

Repleto de perseguições e explosões, *O Mundo no Arame* foi concebido como entretenimento cerebral. “Queríamos fazer um filme de *suspense*”, diz Muller-Scherz, “mas que, ao mesmo tempo, expressasse a seriedade destas ideias assustadoras”. Acrescenta que ambos reagiram intensamente à “ideia de que éramos controlados de várias formas”. A descrição da contracapa da edição original de *Simulacron-3* publicita-o como “uma imagem devastadora do nosso mundo num futuro muito próximo, quando a Madison Avenue e os investigadores da opinião pública assumirem o controlo!”. Embora a história anteveja o aumento da modelagem comportamental como uma ferramenta capitalista, Fassbinder, nascido apenas semanas após a rendição alemã na Segunda Guerra Mundial, teria, ainda presente a história, ainda recente, do controlo social fascista.

Enquanto que alguns interiores foram filmados na Alemanha, Fassbinder encontrou as suas paisagens distópicas urbanas em Paris. Tal como Jean-Luc Godard havia feito em *Alphaville* (1965), Fassbinder aproveitou a nova arquitectura da cidade, os centros comerciais subterrâneos, os enormes edifícios em betão, para sugerir um futuro mundo ameaçador. [...]

Dennis Lim, *The New York Times* [Abril, 2010]



### Fassbinder, antigo e moderno

Começou por ser uma mini-série televisiva, já lá vão quase 40 anos. Agora, “*O Mundo no Arame*” foi restaurado, está nos cinemas e permite-nos redescobrir o fulgor criativo de Rainer Werner Fassbinder.

Espantosa surpresa. Mas não exactamente uma revelação... Assim é “*O Mundo no Arame*”, de Rainer Werner Fassbinder, uma grande estreia nas salas de cinema que, afinal, tem a sua produção datada de 1973. E, para mais, em televisão.

Na altura, Fassbinder (1945-1982) já não era um desconhecido. Longe disso: o seu nome destacava-se em todo um movimento de renovação do cinema alemão onde também podíamos encontrar Werner Herzog, Wim Wenders ou Hans-Jürgen Syberberg. Tinha já dirigido títulos emblemáticos da sua obra, incluindo o fabuloso “*As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*” (1972).

Agora, em notável cópia restaurada, compreendemos que “*O Mundo no Arame*” lhe permitiu experimentar uma variante insólita: uma mini-série televisiva, em duas partes (totalizando

205 minutos), tendo por base o romance “*Simulacron-3*”, de Daniel F. Galouye. Mais do que isso: “*O Mundo no Arame*” aventura-se nos domínios da ficção científica, encenando um mundo assombrado em que o poder está naqueles que controlam os computadores capazes de gerar poderosas simulações da realidade – em boa verdade, o tema nuclear de filmes tão importantes como “*Matrix*” (1999) estava aqui. Fassbinder encena o futuro a partir de uma desconcertante colagem ao presente. Dito de outro modo: são os cenários da Alemanha do começo da década de 70, tal e qual, que servem de pano de fundo a uma história que tem tanto de macabro como de irónico. Como se ele documentasse um tempo que já contém os fantasmas do seu futuro. Daí o sentimento de um filme antigo, pela produção (para mais rodado nas cores tão peculiares, e tão fascinantes, da película de 16 mm), mas exemplarmente moderno pelos temas e pela narrativa. No fundo, Fassbinder coloca em cena, não apenas o poder crescente das máquinas, mas sobretudo o apagamento das fronteiras tradicionais entre “realidade” e “simulação”. Nesse processo, é a própria identidade humana que se contempla nos seus impasses.

João Lopes, *Cinemax, RTP* ★★★★★ [Novembro 2011]



### O Megaville

[...] Adaptado de um romance de ficção científica de um escritor americano (Daniel Galouye) com título abundantemente sugestivo (“*Simulacron 3*”), sem dúvida que o efeito de “contemporaneidade” impressiona, tanto os seus assuntos estão hoje (e por certo mais do que em 1973) na ordem do dia: um mundo a tender para o puro simulacro, a preponderância da tecnologia informática, o “corporate power”, a promiscuidade entre as grandes corporações e os governos, a destruição da identidade individual, a invenção da identidade virtual – o catálogo é extenso, e a acumulação destes elementos, mais fantasia menos fantasia, cria um mundo, de facto, “no arame”, uma desordem reconhecível (porque, em parte, é a nossa), acrescida da inquietante e tão fassbinderiana angústia da iminência da catástrofe, porque o desenho de fundo é, evidentemente, o de um mundo que se “totalitariza” em espectacular opacidade, uma vez lançado o isco da “democracia tecnológica”.

Estas campanhas, pelo menos nos detalhes, são mais de 2011 do que de 1973, e se são ótimas razões para que se recupere “*O Mundo no Arame*” conviria não reduzir tudo a uma questão de “antecipação”. O futuro vemos nós, Fassbinder talvez pensasse mais no presente e no passado da Alemanha. Da Alemanha Federal dos anos 70, aquele ambiente crispadíssimo do pináculo da guerra fria e dos “anos de chumbo”; e da Alemanha de algumas décadas antes, porque a desordem “futurista” de “*O Mundo no*

Arame” convoca ecos da desordem nos anos do estertor da República de Weimar, não muito longe dos termos em que o próprio Fassbinder, anos depois, a filmaria na “Berlin Alexanderplatz” adaptada de Döblin (e a sensação de que “O Mundo no Arame”, na sua espécie de sobrecarga narrativa, nos desvios e diversões, é um “ensaio” para essa série apodera-se-nos dos espírito bastante cedo e não se esvai). Tanto mais que para além de convocar quase toda a sua “família” (atenção ao “cameo” de um muito jovem Werner Schroeter), Fassbinder faz de “O Mundo no Arame” um pequeno catálogo das suas influências e referências: se o filme nos ensina de que maneira se podem ligar os espelhos de Sirk às superfícies baças de Kubrick, o “Alphaville” de Godard é uma inspiração óbvia e predominante, confirmada até pela presença de Eddie Constantine; e com ou sem essa mediação, o espírito do “filme negro” americano (que Fassbinder, noutros filmes, já evocara várias vezes), e através dele a sua raiz, germânica como se sabe (pois o “filme negro” foi praticamente uma invenção dos alemães emigrados, ou exilados, em Hollywood). Portanto, todos os caminhos vão dar a Weimar, sombra e exemplo histórico que tantas vezes Fassbinder fez recair sobre a Alemanha sua contemporânea. “O Mundo no Arame”, na sua articulação entre totalitarismo e ficção científica, é assim a modos que um “Testamento do Dr. Mabuse” para os anos 70...

Luis Miguel Oliveira, *Público* ★★★★★ [Novembro, 2011]

«CINCO ESTRELAS! A descoberta da temporada.»

Joshua Rothkopf, *Time Out New York*

«Há filmes que fazem notícia e filmes que são a própria notícia. *O Mundo no Arame* faz parte do segundo grupo».

Hoberman, *The Village Voice*

«Brilhantemente sarcástico... é provavelmente ainda mais actual agora do que quando foi filmado.»

Richard Brody, *The New Yorker*

«Cativante... Fassbinder aproveita ao máximo cada minuto.»

Sarah Gopaul, *Toronto Film Scene*

«É TALVEZ O FILME MAIS IMPORTANTE QUE VERÁ ESTE ANO. *O Mundo no Arame* relembra-nos o artista inebriante e dramaticamente sofisticado que Fassbinder foi.»

Peter Simek, *D Magazine*

«Cyberpunk antes de terem criado o termo, o filme evoca uma espécie de Philip K. Dick transportado para a Ordem Teutónica»

Steve Dollar, *GreenCine Daily*

«CINCO ESTRELAS! É impressionante pensar que o melhor realizador alemão desde a Segunda Guerra Mundial estava à frente do seu tempo em mais do que uma maneira.»

Ben Kenigsberg, *Time Out Chicago*

